

MR39: Morrer em tempos de pandemia Covid-19

Coordenação: Andreia Vicente (UNIOESTE)

Debatedor/a: Rachel Aisengart Menezes (IESC/UFRJ)

Participantes: Flavia Medeiros (UFSC), Ednalva Neves (UFPB)

Resumo:

Desde o início oficial da pandemia de Covid-19, normas sanitárias são elaboradas, com consequências sobre o contato de doentes internados e seus familiares, mudanças nos ritos funerários e nos processos de luto. As notícias divulgadas pela mídia internacional e nacional evidenciam o crescimento exponencial dos óbitos, seja por covid-19, seja por outras doenças, associadas ou não à infecção do novo coronavírus. A morte é visibilizada e exposta. Esta mesa é dedicada a debater os impactos da pandemia nas narrativas de experiências no acompanhamento do processo do morrer, por profissionais de saúde, familiares e círculo de sociabilidade do enfermo. Trata-se de refletir sobre as transformações ocorridas a partir de mudanças oficiais nos protocolos dirigidos a evitar contaminação - proibição de visitas a doentes, caixões fechados em velórios e enterros, entre outras alterações. A produção de novas (in)sensibilidades e modos de expressão são objeto de análise e debates nessa mesa, que aborda também as novas formas de adaptação de ritos de despedida e suas consequências na elaboração da perda.

Do protocolo às vivências do possível: subversão dos ritos e sepultamentos em tempos de covid-19

Autoria: Ednalva Neves

Este ensaio problematiza como as famílias têm enfrentado o protocolo de supressão do velório e da despedida derradeira diante da morte por Covid-19. Parto da ideia de que a reflexão socioantropológica tem enfatizado o anonimato da morte, a não realização do velório e a ausência do corpo como eventos que catalisam as atitudes diante da morte na contemporaneidade, buscando entender quais são os elementos do imaginário e da invenção cultural que são acionados diante da dor da perda de um ente querido em circunstâncias de ameaça à vida. Com certeza, tais aspectos têm deixado, por um lado, um vazio social e, por outro, sentimentos de obrigação para com o/a falecido/a no imaginário coletivo, especialmente no contexto familiar. É sobre como as famílias estão acomodando seus afetos ainda no processo de sepultamento, e reagindo à ausência que pretendo abordar. Ele se inspira numa conversa com uma pessoa próxima que perdeu o pai para a covid-19, um senhor de 68 anos, ativo, proprietário de um "sítio" nos arredores de uma cidade de médio porte. Para eles, a forma de conseguir superar a impossibilidade da despedida pela realização do velório foi "convidar" o agente funerário para passar com o caixão pelo "sítio" aonde o falecido vivia, antes de se encaminhar ao cemitério para o sepultamento. Desde essa escuta, comecei a pensar quais os arranjos que as famílias estão adotando para enfrentar esse protocolo da crise sanitária? Quais objetos, símbolos ou situações estão adotando para reparar e garantir a homenagem ao/à falecido/a? Quais atitudes estão sendo reordenadas para garantir a memória social do falecido? Como as famílias estão acomodando seus afetos diante da dor da perda? E as consequências para a sobrevivência da família? Além dessa dimensão microssociológica, gostaria de chamar atenção também para as muitas iniciativas de enfrentamento da necropolítica - voltada à negação da vida - e dar visibilidade à singularidade dos/as falecido/as, a exemplo do Relíquia.rum - álbum de memórias, que disponibilizam espaços em redes sociais para homenagear e registrar as perdas e a dor, escapando do anonimato dos números, de uma métrica

incontornável da pandemia. Essa inventividade subversiva da cultura transforma o ato de registro e divulgação de fotos de falecidas/os, uma instância de ação política. Não está em jogo aqui o debate sobre a necessária normatividade do protocolo, mas refletir como esses microarranjos são atos políticos de composição perante a (in)sensibilidade política da gestão da pandemia no Brasil, explicitamente do governo federal. Trata-se da aplicação da "medida do possível" diante da morte e da dor.

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

